

História do Lobisomem

Luana (Entrevistador): Vamos lá, tia. Pode começar?

Nelcides: Então, eu vou contar pra você o que a minha mãe contava.

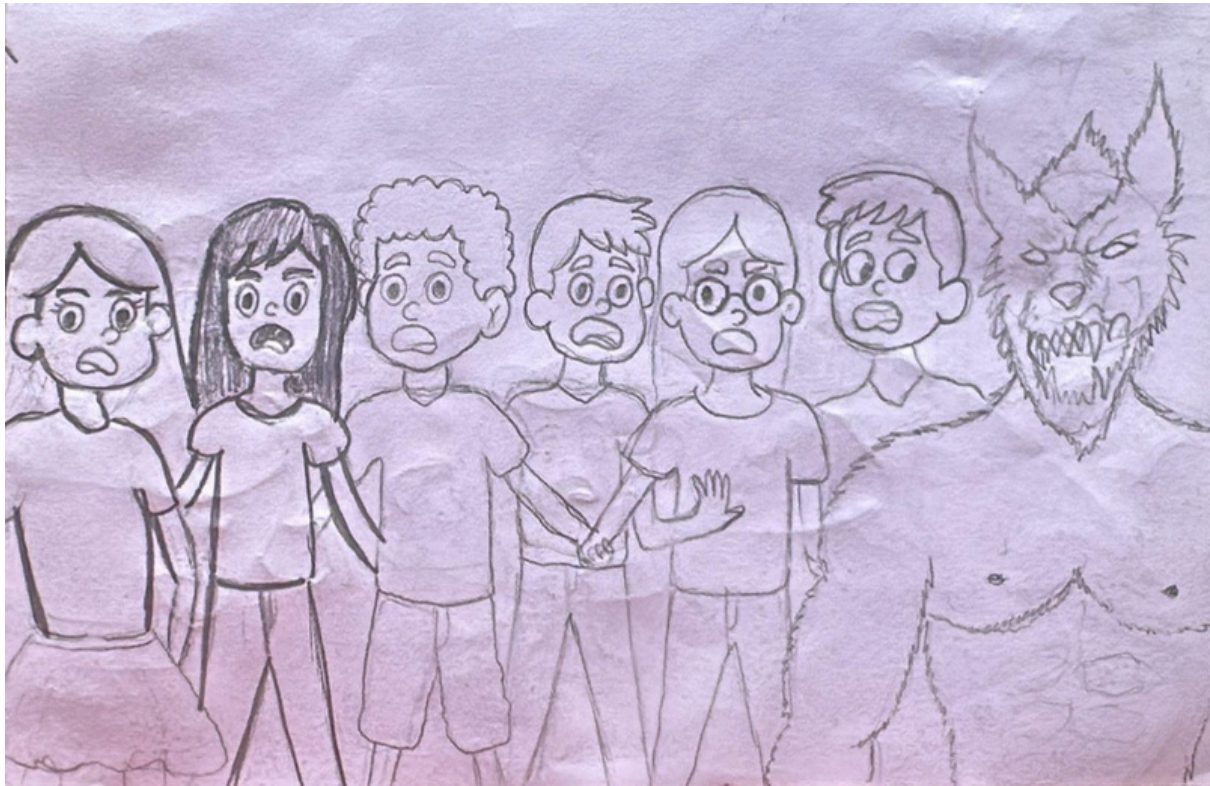
Nelcides: Naquele tempo que a gente era pequena, não era como hoje, não é igual vocês, que tinha televisão, essas coisas. Então, o que a minha mãe fazia? Ela fazia uma fogueira e a gente sentava em volta, porque ia até dar um tempinho de hora pra gente deitar e dormir. Aí, né, a gente fazia bastante xixi na cama. Então, ela já gostava que a gente deitava um pouquinho mais tarde, pra que a gente pudesse não fazer xixi na cama, mas fazer xixi antes de deitar.

Aí, ela nos reunia em volta da fogueira e contava história. Contava a história que a avó dela também contava pra ela.



Ela dizia que, quando uma mulher casava e tinha filhos, se o sétimo filho fosse menino ou menina, não importava, o sétimo sempre virava lobisomem. Aí, ela falava que quando era no

tempo da quaresma, que essa criança, né, transformava. Saía de casa durante a noite, virava lobisomem e ia perturbar as pessoas.



Aí, ela contou que a avó dela estava um dia com um dos filhos deitados e viu uma coisa puxando o xale, que era xale que tinha. Não tinha essas mantas estranhas de hoje. Quando olhou, era um lobisomem que estava com aquele dentão. Aí a avó pensou: “O sétimo filho da minha mãe é o sétimo... Será que é ele que virou lobisomem e veio fazer graça comigo?”

Aí, naquele tempo, não tinha telefone para ligar e confirmar, né?

Luana (Entrevistador): Você sabe? O que que ela fez?

Nelcides: Ela pediu o esposo dela pra...

Luana (Entrevistador): No caso, seria o irmão dela?

Nelcides: Seria o... No caso, seria o tio dela. O tio dela. Ela pediu para o marido dela pra segurar a criança. E chinelou na estrada.



Foi embora pra lá. Chegou e falou assim: “Mãe, já tá tarde. Não se assusta não, que não é nada não. Só vim pra saber se é verdade que nosso irmão vira lobisomem. Porque foi ele que foi lá e puxou o xale do meu menino hoje. Foi ele!!!”. Um lobisomem é a coisa mais feiada do mundo. Puxou o xale assim e levou lá pra longe. Quem é que ia saber, né? Do lugar onde eu fico... Quem estaria ali naquele espaço? Só podia ser ele, porque ele é quem conhece bem lá de casa. Olha na cama se ele tá deitado. Aí, quando a velha chegou lá... realmente, ele não tava.



Luana (Entrevistador): Sério?

Nelcides: Então, ela acreditava que ele tinha saído mesmo. Que ele virava lobisomem. E que, pra desvirar, só depois da meia-noite. Aí ele voltava a ser gente de novo e vinha pra casa.

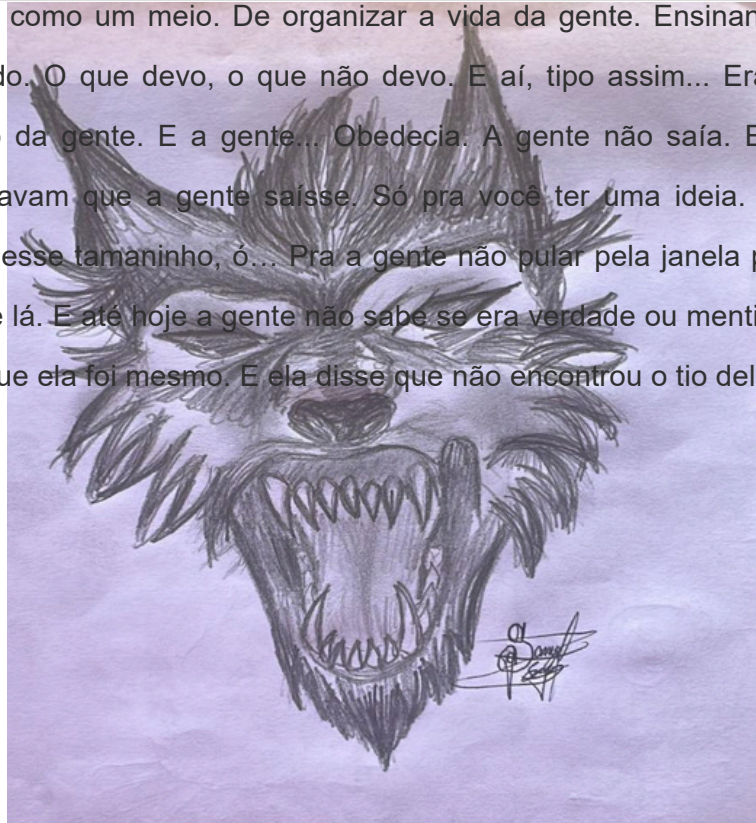
Eles contavam essa historinha pra gente e sempre alertavam: “Posso garantir que é verdade. Vocês não fiquem em tal lugar, assim ou assado, principalmente na quaresma.

Mas se vocês ficarem aí, ó. Vai vir lobisomem. Quer dizer que era parente da família vira lobisomem. E a gente era bobo. Diziam pra gente que as crianças vinham pelas cegonhas, e a gente acreditava mesmo; que ela tinha ido lá, que era verdade, que ela tinha vindo. E que aquele homem era lobisomem de fato. Então, a gente tinha medo. A gente não saía, no tempo de quaresma, pra campo nenhum.

Luana (Entrevistador): Tem o negócio também da criança que não é batizada. Tinha isso também. Um lobisomem que gosta do pé de goiaba. Tudo isso. Tudo isso!! Mas, na verdade... Nem faz sentido.

Nelcides: É, mas, na verdade, o que é que eu entendo!? Eles tinham vontade de moldar a gente como cidadã. Então, eles usavam essas histórias. Sendo elas verdade ou mentira. Não é que eles via contar mentira pra gente.

Na verdade, eles usavam aquilo como um meio. De organizar a vida da gente. Ensinando pra gente o que era certo, errado. O que devo, o que não devo. E aí, tipo assim... Eram meios de impor ordem. O medo da gente. E a gente... Obedecia. A gente não saía. E a gente, mocinha... Eles não gostavam que a gente saísse. Só pra você ter uma ideia. As janelas dos quartos da gente... desse tamaninho, ó... Pra a gente não pular pela janela pra sair. Só que ela falava que foi até lá. E até hoje a gente não sabe se era verdade ou mentira. Será que ela realmente foi? Porque ela foi mesmo. E ela disse que não encontrou o tio dela.



Luana (Entrevistador): Que falou isso com você.

Nelcides: Era minha bisavó!

Minha bisavó. Chamava... Nós tratávamos ela de tia. O nome dela era Corina, Corina Pereira da Silva. Mas, até hoje, a gente não sabe se o que ela contava era verdade mesmo ou se era mentira. Tem tanta história daquele tempo, né? Porque já passou, e nem tem como a gente saber agora; as pessoas já morreram!

Tanta coisa diferente de hoje em dia...